

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

**A BRINCADEIRA, A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A GEOGRAFIA:
CONEXÕES E REFLEXÕES A PARTIR DA INTERAÇÃO UNIVERSIDADE-ESCOLA**

Bruna Camila Dotto, Marcelo Bêz

Samanta Diuli Altermann, Eduardo Schiavon e Cardoso

Boletim Gaúcho de Geografia, 39: 59-74, jul., 2012.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37311/24095>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jul., 2012.

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

A BRINCADEIRA, A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A GEOGRAFIA: CONEXÕES E REFLEXÕES A PARTIR DA INTERAÇÃO UNIVERSIDADE-ESCOLA

BRUNA CAMILA DOTTO¹

MARCELO BÊZ²

SAMANTA DIULI ALTERMANN³

EDUARDO SCHIAVONE CARDOSO⁴

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo relatar algumas práticas e resultados do projeto “OFICINA TRABALHANDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL POR MEIO DE ATIVIDADES LÚDICAS”, no qual o objetivo foi promover discussões a respeito dos problemas socioambientais locais e realizar atividades lúdicas que estimulassem as crianças a pensarem em possíveis soluções para estas questões. Buscou-se durante os anos trabalhados valorizar os saberes, os sentimentos e as experiências dos educandos para com a sua realidade, interrelacionando escola e comunidade na abordagem das questões socioambientais deste espaço. Procurou-se utilizar a ludicidade como uma ferramenta que mobiliza e instiga as crianças para refletir e trabalhar questões referentes ao seu espaço próximo, sensibilizando e mobilizando os educandos para as problemáticas locais que antes passavam despercebidas. Foca-se este estudo nas atividades desenvolvidas na Escola Celina de Moraes, durante o ano de 2010, onde os resultados puderam ser observados não apenas em sala de aula, mas também na comunidade através do despertar e do zelo para com o lugar e para com as pessoas.

Palavras-chave: Educação ambiental. Geografia. Atividades lúdicas. Problemas socioambientais. Escola e comunidade.

-
- 1 Graduada em Geografia - Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. Bolsista Programa de Licenciatura (PROLICEN) 2010. brunadotto@yahoo.com.br
 - 2 Graduado em Geografia - Bacharelado e Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. Mestrando em Geografia pela UFSM. marcelofresh@hotmail.com
 - 3 Graduada em Geografia - Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. samantaltermann@yahoo.com.br
 - 4 Orientador do projeto. Professor adjunto do Departamento de Geociências do CCNE - UFSM. eduardo@smail.ufsm.br

GAME, ENVIRONMENTAL EDUCATION AND GEOGRAPHY: CONNECTIONS AND REFLECTIONS FROM THE INTERACTION UNIVERSITY-SCHOOL

ABSTRACT

The current article has as aim to report some practices and results from the project “WORKSHOP DEALING WITH ENVIRONMENTAL EDUCATION THROUGH RECREATIONAL ACTIVITIES”, in which the purpose was to promote discussion regarding to local socio-environmental problems and to carry out recreational activities which stimulate children to think in possible solutions for those questions. It was sought to attribute value for teachers’ knowledge, feelings, and experiences in relation to their reality, interacting school and community in the approach of socio-environmental questions from this space. It was wanted to use the recreation as a tool that mobilizes and instigates children to reflect and deal with questions regarding their near space, sensitizing and mobilizing the teachers for local problems before not noticed. This study focused on the activities developed at Celina de Moraes School, during the year 2010, where the results could be observed not only at classroom, but also at the community through awakening and zeal with the place and its people.

Keywords: Environmental education. Geography. Recreational activities. Socio-environmental problems. School and community.

INTRODUÇÃO

O projeto “OFICINA TRABALHANDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL POR MEIO DE ATIVIDADES LÚDICAS”, vinculado à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), foi trabalhado durante os anos de 2009 a 2011 e contou com o apoio do Programa de Licenciaturas (PROLICEN) da UFSM⁵. Em suas três edições, o projeto foi desenvolvido em escolas públicas de periferia, localizadas em diferentes bairros do município de Santa Maria/RS e tem como objetivo principal desenvolver um processo de sensibilização com os educandos quanto aos problemas socioambientais locais, numa perspectiva integrada com a comunidade.

Optou-se por trabalhar com as séries iniciais do ensino fundamental em todas as edições do projeto, devido ao fato da interdisciplinaridade estar

5 O PROLICEN objetiva aproximar os cursos de licenciatura com a realidade escolar, a partir do fomento de bolsas para a inserção dos acadêmicos, através do desenvolvimento de projetos de ensino, junto às escolas públicas.

presente neste tempo escolar e também por atender às próprias necessidades de brincar e explorar o mundo próximo aos educandos. Nesta fase da vida a ludicidade e a interatividade são fundamentais para os processos de ensino e aprendizagem, criando possibilidades para as crianças soltarem a imaginação e a criatividade através de manifestações artísticas, comprovando assim que ciência e arte andam lado a lado.

Visou-se trabalhar a Educação Geográfica por meio da Educação Ambiental numa perspectiva conexa, por esta última vislumbrar uma educação comprometida com a realidade e possibilite mudanças de comportamentos, de relações e atitudes para com o ambiente. Assim, a Educação é pensada em sua complexidade e sua multiplicidade de ações, convergindo em aspectos como a interdisciplinaridade, trabalho com a relação homem e natureza, a valorização dos conhecimentos prévios dos educandos, preocupação com questões socioambientais presentes e futuras, o envolvimento com problemas locais, em suma, o desenvolvimento da tríade mobilização-sensibilização-ação.

Para se alcançar o objetivo proposto, visou-se instigar na criança o desenvolvimento de uma consciência ambiental reflexiva e crítica através de atividades lúdicas. Ao mesmo tempo, integrar escola e comunidade em atividades que promoveram a sensibilização para os problemas socioambientais locais. Neste sentido, foram propostas nas escolas, práticas pedagógicas com a perspectiva interdisciplinar, mobilizando professores, educandos, equipe diretiva e a comunidade para refletir e agir, em conjunto com os acadêmicos responsáveis pelo projeto, sobre os problemas socioambientais locais. Por fim, preocupou-se em investigar a percepção socioambiental das crianças a respeito de sua realidade através das atividades teóricas e práticas realizadas.

Dessa maneira, levantaram-se os seguintes questionamentos: Como trabalhar a Educação Ambiental nas escolas? Como valorizar os conhecimentos prévios dos educandos nas práticas educativas?

Dentre as atividades desenvolvidas, pode-se destacar o Teatro de Fantoches, no qual foi possível trabalhar a Educação Ambiental de forma interdisciplinar e tendo o mesmo como um método instigante de ensino por se tratar de uma prática lúdica. Com o boneco nas mãos o professor pode alfabetizar, contar histórias, dar aulas, utilizando qualquer uma das técnicas possíveis. Além disso, o fantoche pode tornar-se um mediador na aprendizagem, na mobilização e sensibilização diante da Educação Ambiental como um processo, pois este “brinquedo” se transforma em facilitador, enquanto algo próximo do educando, desinibindo-o para a prática dialógica.

Neste trabalho utilizou-se uma metodologia do tipo lúdico-participativa, na qual os educandos das escolas públicas construíram as histórias, os bonecos e as apresentações de acordo com a realidade onde vivem. A oficina de Teatro de Bonecos foi montada em sala de aula na escola e teve a vantagem de trabalhar com materiais recicláveis que as próprias crianças traziam de casa. Grande parte do público atendido pelas escolas provém de vilas e

consistem em educandos oriundos de famílias de baixa renda, algumas das quais beneficiados com os programas oficiais de transferência de renda e muitas delas têm na coleta de resíduos a principal fonte de ingressos.

Esta metodologia foi escolhida devido ao fato de permitir aos educandos uma livre e construtiva participação em todas as etapas do projeto, onde estes puderam contribuir com suas experiências de vida, seus saberes, seus valores, seus conhecimentos prévios e suas opiniões. Também por permitir o desenvolvimento dos processos educativos de forma diferenciada, onde os acadêmicos participantes do projeto passaram a ser os mediadores das ideias e da criatividade dos educandos, que construíram as atividades de acordo com sua identidade cotidiana e condizente com o prazeroso ato de brincar.

AS CONEXÕES GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E LUDICIDADE

A sociedade passou por profundas mudanças no modo de vida desde os primórdios de sua história. Nas últimas décadas, impulsionados pela aceleração do processo industrial, o homem tem intensificado a utilização dos recursos da natureza sem pensar nos problemas ambientais, predominando uma visão antropocêntrica que considerou o homem dono absoluto dos meios naturais que estariam completamente a seu serviço, como um objeto para suprir suas necessidades sem estabelecer critérios de uso e limites apropriados (RODRIGUEZ; SILVA, 2009, p.41).

A Educação Ambiental surge, no mundo e posteriormente no Brasil, como uma forma de propor soluções para os problemas socioambientais enfrentados por diferentes realidades, de desenvolver o sentimento de pertencimento do homem diante da natureza, de firmar a consciência ambiental em bases sólidas e de qualificação socioambiental. O processo de desenvolvimento da Educação Ambiental demonstra que a preocupação do homem com o meio ambiente, tanto a nível global quanto local, se deve ao fato do próprio ser humano estar vivenciando as respostas da natureza, em eventos contínuos e pouco visíveis ou esporádicos e considerados catastróficos, frente ao uso indiscriminado dos recursos naturais.

Na situação ambiental atual, a mudança de nossos atos em relação ao meio ambiente é uma questão de sobrevivência. Como afirmam José Manuel Mateo Rodriguez e Edson Vicente da Silva (2009, pg. 19) *“A vida não é estática, implica mudanças, transformações, aprender coisas novas, para deixar o que já é ultrapassado”*.

A Educação Ambiental deve estar comprometida com a formação de sujeitos ativos na transformação da realidade local, agindo como cidadãos conscientes de seu papel na sociedade e no mundo. Dessa forma, a Educação Ambiental vem contribuir na educação formal e não-formal para uma melhoria não só na qualidade ambiental, mas também na vida da sociedade e nas relações interpessoais.

Corroborando com Vera Lúcia Vaz de Arruda (2007, pg. 221) em sua afirmativa de que *“No processo de aprendizagem temos que estar atentos ao cotidiano, às vivências significativas. Elas nos mostram os caminhos a seguir”*, essa proposta pedagógica centrou-se nos processos de ensino e aprendizagem, a partir da vida cotidiana das crianças, ressaltando o papel da vivência, dos sentimentos, das emoções e da imaginação na construção do conhecimento, além disso, proporcionou métodos de promover o aprendizado crítico e participativo.

A importância de trabalhar a Educação Ambiental nas escolas pode ser melhor explicada por Dias quando o mesmo afirma que:

A EA, por ser interdisciplinar; por lidar com a realidade; por adotar uma abordagem que considera todos os aspectos que compõem a questão ambiental – socioculturais, políticos, científico-tecnológicos, éticos, ecológicos etc.; por achar que a escola não pode ser um amontoado de gente trabalhando com outro amontoado de papel; por ser catalisadora de uma educação consciente, pode e deve ser o agente otimizador de novos processos educativos que conduzam as pessoas por caminhos onde se vislumbre a possibilidade de mudança e melhoria do seu ambiente total e da qualidade da sua experiência humana. (1994, p. 166)

A escola, se considerada como uma instituição formadora de cidadãos críticos, tem a função de transformar teorias em práticas, ideias e pensamentos em mudanças, partindo de propostas que abordem os problemas socioambientais de uma forma global e em perspectiva relacional, conduzindo as práticas locais que modifiquem a realidade. Ainda, caberia a escola não só o papel informativo, mas também desenvolver atitudes que visem à qualificação socioambiental local, fazendo com que os educandos reflitam e compreendam a importância de intervir e conviver de forma prudente com o ambiente.

Para redescobrir o vínculo do homem com a natureza e seu sentimento de pertencimento à natureza, buscou-se trabalhar a Educação Ambiental nas escolas e na comunidade de forma integrada, dinâmica e interdisciplinar, através do Teatro de Fantoques. A partir desta atividade lúdica, estimula-se a criatividade e a sociabilização, estabelecendo as relações entre meio natural e meio social. Além disso, o lúdico se mostra aqui como uma instância facilitadora, atrativa e interativa, que ajuda o educando a melhor apreender os modos de se viver em sociedade, contribuindo no processo de desenvolvimento de sua relação com o lugar.

A importância do ato de brincar e a necessidade da ludicidade podem ser melhores compreendidas a partir das contribuições de Simões:

O ato de brincar é importante, é terapêutico, é prazeroso, e o prazer é fundamental na essência do equilíbrio humano. A ludicidade é uma necessidade interior, onde a criança se prepara para a vida aprendendo

a competir, a cooperar com seus semelhantes e conviver com um ser social, no brincar ocorre um processo de troca, partilha, confronto e negociação, gerando momentos de desequilíbrio e equilíbrio e propiciando novas conquistas individuais e coletivas. (2001, p.18)

Ainda neste contexto, ao se entender a ludicidade como uma forma de ensino, Lev Semenovich Vygotsky (1989) e Jean Piaget (1998) concordam que a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo por isso, indispensável à prática educativa. O Teatro de Fantoches, torna-se uma ação contínua e fortemente dinâmica, além de motivar o espírito crítico da criança para diagnosticar e agir diante dos problemas socioambientais locais.

Toda criança tem o direito de brincar, tem o direito à infância. Ao utilizar o Teatro de Fantoches como uma forma lúdica de abordar os problemas socioambientais busca-se levantar os benefícios que o mesmo proporcionaria, chegando assim ao conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, proposto por Lev Semenovich Vygotsky. Para compreender este conceito é necessário conhecer o que Vygotsky chamava de nível de desenvolvimento real, o qual corresponde àquilo que a criança é capaz de fazer sozinha e o nível de desenvolvimento proximal, que se refere àquilo que a criança é capaz de fazer somente a partir da mediação. Vygotsky define que:

A Zona de Desenvolvimento Proximal define as funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de “frutos” do desenvolvimento (VYGOTSKY, 1998, p.97).

Assim, segundo o autor “(...) aquilo que é Zona de Desenvolvimento Proximal hoje, será o nível de desenvolvimento real amanhã...” (1998, p. 98). Dessa forma, cabe destacar que o Teatro de Fantoches atua como mediador na Zona de Desenvolvimento Proximal, auxiliando o educando a alcançar o seu nível de desenvolvimento real, ou seja, obtendo autonomia na construção do novo conhecimento. Logo, pensando na Educação Ambiental, pode-se dizer que esta mediação possibilita que o educando adquira autonomia nos processos de sensibilização-mobilização-ação diante dos problemas socioambientais trabalhados por meio do Teatro de Fantoches.

A Geografia, uma ciência que tem como uma das preocupações centrais, estudar a relação do homem com a natureza está intimamente ligada à questão ambiental. Inserida nessa discussão, trabalha com a apropriação do espaço pelo homem e suas consequências, abordando também a percepção do espaço vivido, além da discussão das distintas escalas espaciais dos processos sociais e naturais.

Neste contexto, a análise geográfica possibilita a formação de cidadãos conscientes e responsáveis diante de suas atitudes, tanto no que diz respeito à sociedade como ao meio ambiente. A Geografia vem para, além de analisar e criticar, propor soluções para as problemáticas da atualidade e com o auxílio de outras ciências é possível trabalhar a problemática ambiental em sala de aula de forma integrada e didática.

PRÁTICAS REALIZADAS AO LONGO DO PROJETO NA ESCOLA CELINA DE MORAES

Procurando destacar as atividades desenvolvidas e os resultados construídos ao longo do projeto, será abordada a experiência vivenciada na Escola Estadual de Ensino Fundamental Celina de Moraes, devido ao fato desta ter proximidade e conexão com a Comunidade Estação dos Ventos – uma ocupação urbana, de onde provém a maioria dos educandos. Esta ocupação apresenta uma complexa organização interna, contando com lideranças que representam os interesses dos moradores, porém os problemas socioambientais locais interferem na vida dos sujeitos desta realidade. Entre estes problemas pode-se enfatizar: violência, drogas, o descarte inadequado do lixo, a falta de redes de água e esgoto, ruas esburacadas, a presença de um arroio, o Vacacaí-Mirim, que atravessa a Comunidade, estando exposto a ações inadequadas que desqualificam suas propriedades naturais.

Optou-se por relatar as atividades desenvolvidas nesta instituição devido à participação integral e significativa da professora, que se mostrou receptiva e dialógica e que possibilitou um trabalho coletivo, interrelacionando os ideais do projeto com a prática pedagógica da professora. O referido projeto foi desenvolvido durante 5 meses, em atividades semanais com cerca de 3 horas de duração ao longo do ano de 2010, junto a uma turma de 32 alunos do terceiro ano do ensino fundamental.

Como forma de iniciar as atividades do projeto, promoveu-se uma dinâmica de interação e aproximação entre educandos e acadêmicos. Para tal, fez-se uso da dinâmica do barbante, a qual, durante o desenrolar do barbante, cada um deveria falar um pouco sobre si, como nome, local onde mora, o que pretende ser quando crescer, alguns problemas socioambientais identificados no Bairro, etc. Este momento foi crucial para o desenvolvimento das futuras ações, visto que foi possível perceber através da fala dos educandos uma visão simplista das questões socioambientais locais, pois a maioria citou apenas o lixo e o esgoto a céu aberto como problemas. Além disso, muitos não percebiam como estas questões socioambientais afetam a vida do outro e os seus lugares de vivência.

A partir daí sentiu-se a necessidade de trabalhar com os educandos a importância das relações interpessoais, da relação com o outro, ou seja, até onde as atitudes que são tomadas afetam a vida das pessoas que estão ao seu

redor tanto em nível do local quanto global. Então se enfatizou que natureza e sociedade não podem ser compreendidas separadamente, de forma fragmentada, mas sim a partir de suas interconexões e de suas interrelações e que qualquer agressão que se tiver com a natureza será uma agressão contra os próprios homens.

Considerando a proposta da professora da turma, buscou-se adaptar as atividades do projeto com os conteúdos do ano letivo. Desta forma, utilizou-se da construção de uma maquete da sala de aula para trabalhar as noções de direção e lateralidade, proporcionando assim atividades lúdicas e práticas que auxiliaram no trabalho proposto pela professora. Neste trabalho, os educandos selecionaram dentre os materiais reaproveitáveis que haviam trazido de casa, como caixas de papel de diversas formas e tamanhos, as que tinham o formato mais parecido com os elementos da sala de aula, como quadro-negro, armários, porta, janelas, classes, mesa da professora, ar condicionado, entre outros.

Utilizando-se destes materiais, os educandos construíram a maquete da sala de aula que serviu como base para a posterior realização de um jogo e como instrumento para a valorização de saberes relacionados à forma, posição, dimensão, direção, transposição e representação de seu espaço próximo. Todo o jogo foi estruturado em conexão com os conteúdos desenvolvidos pela professora da turma durante a semana, sendo que foi possível realizar a religação das práticas lúdicas e atividades teóricas.

Neste contexto, foi possível trabalhar os conteúdos curriculares, além de proporcionar um espaço de reflexão frente às questões socioambientais. Os educandos tiveram a oportunidade de praticar e pensar sobre reciclagem, reutilização, redução, solidariedade, comunhão, partilha, conservação do espaço, valorização do lugar e das pessoas.

Seguindo os planejamentos realizados em conjunto com a professora da turma, iniciou-se a atividade de construção do “Mapa Mental”, na qual os educandos foram instigados a realizar a construção de um mapa do trajeto de suas casas até a escola, utilizando-se dos principais pontos de referências, caminhos, elementos da paisagem e o que mais lhe chamasse sua atenção. Para introduzir e orientar esta atividade as crianças tiveram a oportunidade de manusear o programa Google Earth.

Após a realização do Mapa Mental, partiu-se para o desenvolvimento de um planejamento em conjunto com os educandos referente ao Teatro de Fantoques. A construção dos fantoches seria a partir de materiais recicláveis que os mesmos deveriam trazer de casa. Transcorrido um diálogo com as crianças sobre a importância do projeto e sua relevância para a sensibilização acerca dos problemas socioambientais locais, a turma foi dividida em grupos para que os materiais recicláveis fossem distribuídos.

Neste mesmo encontro foi exibido o filme Wall-e, como proposta para se pensar na valorização das pessoas envolvidas nos processos de tratamento do lixo e na preservação socioambiental do lugar onde vivem e do planeta.

Como o filme é um “anime”, apresentando cenários fantasiosos e coloridos, envolveu e instigou as crianças frente a um enredo onde a Terra transforma-se num imenso depósito de lixo.

Dando prosseguimento às práticas para a construção do Teatro de Fantoches, os educandos realizaram a criação das histórias, algumas individuais e outras coletivas, demonstrando criatividade, dedicação e superando as expectativas dos acadêmicos e da professora. As histórias elaboradas pelos educandos tiveram como cenários os locais de suas vivências entre estes: “nos trilhos do trem”, como traz um dos educandos que mora muito próximo à linha ferroviária; no próprio Bairro Km 3; em restaurantes da cidade; e em ruas do bairro com suas peculiaridades como as esburacadas, fato que evidencia a preocupação dos educandos com a realidade local. Algumas crianças utilizaram o sítio do Pica-Pau Amarelo como palco para suas histórias.

Os eventos seguintes constaram dos ensaios das histórias, conclusão da construção dos fantoches e apresentação das peças teatrais para a comunidade escolar e alguns membros da comunidade. Durante a apresentação foi utilizado microfone e caixa de som por haver necessidade de amplificar as falas dos bonecos, já que a quantidade de expectadores era grande.

UMA INTERPRETAÇÃO DAS PRÁTICAS REALIZADAS

Pôde-se perceber a relevância de trabalhar a Educação Ambiental principalmente na comunidade que vivencia problemas socioambientais como o lixo, o esgoto a céu aberto, a pobreza, falta de infra-estrutura adequada, até mesmo questões relativas ao uso de drogas e violência. Aspectos presentes no espaço local e pertinentes também às temáticas de análise da Ciência Geográfica, serão relatados alguns indícios que apontam para a pertinência do projeto.

Durante a construção da maquete da sala de aula as crianças mantiveram-se envolvidas com a atividade demonstrando criatividade e empenho ao realizar a representação deste seu espaço de vivência visto de outra perspectiva – a visão vertical. Isto pôde ser verificado nas ações dos educandos, que procuravam localizar suas classes e a de cada um dos colegas na sala de aula. Além disso, a interação entre eles e os acadêmicos possibilitou o conhecimento das suas realidades e o estreitamento dos laços afetivos.

A realização do jogo com a maquete da sala de aula propiciou o trabalho com saberes distintos, como o espaço de vivência, do cotidiano, localização, orientação, organização, visão vertical, direções, formas, representações, dentre outros. Esta atividade, além de ser uma maneira lúdica de trabalho educativo, serviu também para fornecer uma reflexão sobre o espaço da sala de aula, do próximo, do vivido, do experienciado, valorizando suas percepções e seus conhecimentos prévios.

Nesta mesma atividade, os educandos puderam visualizar a sala de aula na perspectiva vertical e de forma tridimensional, apresentando uma terri-

torialização quanto aos lugares ocupados por cada um, também demonstrando saber a exata localização de todos os que estavam presentes e dos que faltaram. Dentre os resultados destaca-se a exposição de alguns saberes construídos em seus espaços de vivência, trazendo a ludicidade como importante perspectiva para os processos educativos. Tendo em vista o propósito da interdisciplinaridade, constatou-se a relevância de se trabalhar a Educação Ambiental como prática integrada e permanente. Além desta atividade ter trazido resultados significativos aos aprendizados geográficos, também favoreceu o desenvolvimento de uma visão mais complexa da realidade, onde pôde-se visualizar nas falas dos educandos um avanço na percepção dos problemas socioambientais. Neste sentido, passaram a perceber questões como: a valorização do lugar no sentido de pertencimento, demonstrado por meio da citação constante da comunidade em seus comentários e do cuidado que passaram a ter com seu espaço; preocupação com a ocupação irregular do espaço, visível na fala de um educando ao ressaltar para os colegas que não deveriam dispor as construções da maquete em qualquer lugar, como na beira do rio; o reconhecimento do outro ao localizar o lugar de cada colega na sala de aula.

Na atividade de construção do “Mapa Mental” utilizou-se da ferramenta Google Earth. Como alguns dos educandos nunca tinham manuseado esta ferramenta, ou até mesmo um computador, a professora e os acadêmicos criaram certa expectativa quanto ao desenvolvimento da atividade, mas os educandos mostraram intimidade e agilidade ao trabalhar com estes materiais. Frases como: *“Nossa, olha onde é a casa do colega”*, *“Este é o caminho que faço da escola até minha casa”*, *“Aqui é a ponte que atravesso pra chegar na escola”*, *“Esta é a entrada da vila onde a gente mora”*, enriqueceram e fundamentaram esta atividade. Este espaço proporcionou aos educandos a ressignificação dos saberes geográficos, passando a ver com outros olhos o que antes era algo comum.

Por meio da utilização da ferramenta Google Earth, alguns educandos pela primeira vez tiveram uma visão planetária da superfície terrestre. Este conhecimento de novos espaços e tecnologias ofereceu perspectivas e propostas educativas diferenciadas e atrativas. As crianças demonstraram muita habilidade e capacidade de assimilação destas tecnologias gratuitas e que deveriam ser acessíveis para todos.

O desenvolvimento do mapa mental possibilitou aos educandos a estruturação de um pensamento que transitou nas diferentes escalas, principalmente nas perspectivas local-global e global-local. Na atividade do mapa mental trabalharam-se os saberes prévios dos educandos, interrelacionando-os com a atividade proposta, como por exemplo, a noção de localização, as direções, a visão vertical do lugar onde vivem, do Bairro, do Município, dos estados, dos países e do planeta Terra.

As crianças puderam usar a criatividade e a imaginação para construir os mapas mentais, sendo que alguns representaram os elementos vistos de

cima, enquanto outros desenharam numa perspectiva horizontal. Trabalhos consistentes surgiram, com legendas, representações de pontos de referência, setas que demonstravam o caminho que deveria ser percorrido, ruas, esquinas, árvores e tudo o que chama a atenção dos educandos no percurso feito de suas casas até a escola.

Trabalhou-se a espacialidade e a dinâmica do bairro Km 3 na perspectiva de uma educação dialógica, trazendo os educandos como sujeitos destas aprendizagens que tiveram a ludicidade como ferramenta didático-pedagógica. Durante os processos de ensino e aprendizagem, que procuraram resgatar os saberes prévios dos educandos, percebeu-se o interesse, a curiosidade e a motivação dos mesmos ao trabalhar a Geografia com base no seu lugar de vivência.

As crianças falaram e relataram suas experiências de vida no espaço geográfico. Surgiram comentários que demonstravam as dificuldades diárias que estas enfrentam para chegar até a escola, os lugares onde passam, como atravessar pontes estreitas e velhas, pegar atalhos perigosos e passar por locais alagados. Também houve comentários indicando as pessoas que moram pelo caminho e o sentimento de pertencimento e de identificação com o lugar onde vivem. Estes resultados demonstraram que uma atividade aparentemente simples apresentou-se de grande complexidade, conectando escola e comunidade na construção de uma percepção da totalidade.

A atividade seguinte que foi de grande importância para os objetivos do projeto, constituiu-se na construção do Teatro de Fantoques, que teve início com a seleção dos materiais recicláveis para a criação dos bonecos e partindo para o desenvolvimento das histórias. Para auxiliar a compreensão dos educandos sobre a atividade proposta, foi exibido o filme Wall-e como forma de sensibilização frente ao crescimento do consumo e consequentemente do lixo, porém os acadêmicos foram surpreendidos pela imprevisibilidade. Devido ao fato dos educandos estarem muito agitados não foi possível concluir a exibição do filme.

Desta forma, continuou-se a construção dos fantoches, que começaram a ganhar forma e vida nas mãos das crianças. Posteriormente deu-se início a elaboração da(s) história(s), sendo que no primeiro momento encontrou-se certa dificuldade dos educandos em elaborar uma história com diálogos pois, de acordo com a professora, a turma ainda não havia trabalhado textos com conversas em sala de aula. Assim, muitas dúvidas e questionamentos surgiram, necessitando que os acadêmicos e a professora se juntassem para trabalhar este novo saber, ou seja, foi necessária a mediação constante na construção deste novo conhecimento.

Após a conclusão das histórias, que versavam sobre a disposição do lixo, redução e reciclagem dos resíduos e poluição das águas, deu-se início aos ensaios do teatro para a apresentação. Nestes observou-se algumas dificuldades com a leitura e com a articulação dos fantoches, mas também houve

uma grande participação e colaboração da turma. Posteriormente aos ensaios organizou-se a apresentação dos teatros, momento em que se percebeu o nervosismo e o envolvimento dos atores, além da expectativa e entusiasmo dos expectadores. Foi notória a satisfação da professora, acadêmicos e educandos pela superação dos obstáculos encontrados.

Notou-se o cuidado e a preocupação dos educandos com os fantoches que eles construíram, com a apresentação da peça (para que tudo ocorresse da melhor maneira possível) e principalmente em arrancar aplausos da plateia. Ao final das peças os expectadores aplaudiram alvoroçados e ao indagar se gostariam de comentar sobre as histórias, vários deles se prontificaram a falar. Dessa forma, apareceram frases como: *“Eu gostei do teatro por que as histórias se passaram na nossa vila”*; *“Acho que é importante falar sobre meio ambiente, pois onde a gente mora tem muito lixo, esgoto”*.

Tendo em vista as respostas obtidas, questiona-se se os educandos compreenderam todas as intencionalidades das ações. Ou se eles criaram outras intencionalidades interrelacionando-as com suas histórias de vida. O que se procurou relatar é que talvez muitos resultados importantes não estejam presentes neste texto, nem tampouco puderam ser percebidos ou compreendidos pelos acadêmicos, mas que estarão presentes na formação destes sujeitos, nas suas reflexões acerca das ações cotidianas, na conservação e no tratamento para com o lugar onde vivem.

Deve-se levar em consideração que a turma apresentava algumas dificuldades em desenvolver a leitura, a escrita, a concentração na hora do ensaio, mas que por meio de atividades lúdicas auxiliaram na compreensão das mesmas e na complementação das aulas da professora. Neste sentido, a ludicidade como uma possibilidade de trabalhar os conteúdos de forma atrativa, agradável e necessária a esta fase da vida, demonstrou-se complexa, eficaz e imprescindível. Visto que algumas das respostas dos educandos, na maioria das vezes, superavam as expectativas e surpreendiam com contribuições inesperadas ou mesmo com atitudes ímpares.

No decorrer dos encontros obteve-se uma significativa aceitação dos educandos, apresentando-se para eles outra perspectiva, um modo divertido de participar das aulas, diferente de alguns modelos que ainda são apresentados em algumas escolas da atualidade. Outro fator positivo destacado pelos educandos foi o despertar e o zelo que os mesmos passaram a ter com a instituição escolar e em suas próprias casas, a partir de atitudes simples, tais como colocar o lixo na lixeira, cuidar da organização da sala de aula, de seus espaços de vivência na comunidade e até mesmo ajudar os colegas que dependem da coleta de lixo para gerar renda, ficando explícito assim o entendimento sobre a importância de valorizar o lugar. A cooperação e o envolvimento entre os grupos para a realização deste projeto foi importante, desde dividir o material com seus colegas, na elaboração dos textos para o teatro, até a apresentação do mesmo.

Além disso, a criatividade dos educandos foi algo determinante para a realização das atividades propostas, sendo que foi possibilitado o envolvimento dos educandos trazendo seus conhecimentos prévios para a construção destes novos saberes, de forma natural e espontânea. Sobretudo foi indispensável interagir e conhecer a realidade dos educandos que participaram do projeto, buscando respeitar o seu contexto e a maneira como se relacionavam com a natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “OFICINA TRABALHANDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL POR MEIO DE ATIVIDADES LÚDICAS” objetivou trabalhar práticas educativas conectando Geografia, Educação Ambiental e atividades lúdicas, contribuindo para a valorização do lugar e da intencionalidade dos educandos. Pautados na realidade dos educandos e utilizando-se para tal de atividades envolventes e dinâmicas, propiciaram aprendizagens que conectaram “*homem*” e natureza e a promoção de atitudes de afeto e respeito que interligaram os “*homens*” entre si.

O tempo reduzido reservado pelas escolas para se trabalhar as distintas disciplinas, dificulta a abertura para projetos, sendo que os professores possuem um programa a ser cumprido anualmente. Dessa forma, o direcionamento das atividades desenvolvidas no decorrer do projeto na Escola Estadual de Ensino Fundamental Celina de Moraes, pôde oferecer auxílio e suporte às aprendizagens consideradas fundamentais para o ensino de Geografia, trabalhando-as de forma lúdica e envolvente. Este, além de cumprir com os objetivos propostos veio a complementar as aulas e enriquecer os assuntos curriculares, ampliando assim os espaços de troca entre professores, acadêmicos e educandos.

Esta prática teve suporte e valia, principalmente, devido ao espaço de trocas entre a escola e a universidade, sendo que a professora já havia percebido a necessidade dos educandos refletirem sobre os problemas socioambientais locais. Contribuindo com os objetivos do projeto, a disponibilidade e interesse da professora para a realização de planejamentos conjuntos, com trocas de ideias e reflexões, foi fundamental para o desenvolvimento de uma prática continuada e permanente. Nesse sentido, o projeto procurou desenvolver ações que fossem além dos momentos de execução das atividades, inspirando os professores a utilizarem estas ações em suas práticas pedagógicas, indo de encontro às expectativas do PROLICEN.

Percebeu-se também a dificuldade de aproximar escola e comunidade, sendo que se torna um tanto quanto complexo desconstruir a cultura de que a escola é um ambiente paralelo à comunidade. Ressalta-se que os alunos presentes serão os agentes futuros, que intermediarão os trabalhos na comunidade e torna-se importante que pais e demais moradores locais participem da formação pessoal e social destes sujeitos. Além do mais, questões socioam-

bientais como o lixo e o esgoto a céu aberto (em diversos momentos lembrados pelos educandos como principais problemas da comunidade), só poderão ser resolvidos com a participação coletiva, zelando pelos seus espaços e cobrando atitudes por parte do poder público e das próprias pessoas que vivem ali.

Criar uma maneira de intervenção, através da qual a temática socioambiental esteja presente de forma interdisciplinar, torna-se assim um grande desafio. Podemos ir mais longe na tarefa: que seja parte integrante do fazer pedagógico cotidiano, independentemente da área em que se atua, bem como do nível de ensino, seja ele de educação básica ou ensino superior.

Desta forma, torna-se fundamental refletir sobre a necessidade de resgatar o vínculo entre as disciplinas escolares e o cotidiano dos educandos, numa troca de conhecimentos entre os saberes para a educação e não tratar as questões ambientais sob uma ótica de disciplina escolar única.

Percebeu-se também que as crianças já apresentam uma consciência ambiental pré-estruturada, mas é importante que esta consciência seja trabalhada para transformá-la em uma consciência ambiental crítica e reflexiva. Para complementá-la é preciso que seja estimulado nos educandos o hábito de uma “*prática ambiental continuada*”, em outras palavras, não basta incentivar as crianças a não jogar lixo no chão, separá-lo ou até mesmo diminuir o consumismo, mas sim que estas atitudes sejam perpetuadas para além destes momentos e do espaço escolar.

Do ponto de vista da ludicidade, o projeto promoveu momentos em que as crianças puderam brincar aprendendo e aprender brincando. As atividades desenvolvidas, principalmente o Teatro de Fantoches, proporcionaram uma aprendizagem não formal, sem medo do novo, que partia de algo próprio de suas vivências, ou seja, o brinquedo. Assim como, propiciou um espaço favorável para que estas crianças expressassem suas opiniões, vontades, ideias, angústias, ampliando seus conhecimentos acerca da complexa relação entre homem e natureza de forma natural.

Partindo dos pressupostos discutidos, o trabalho buscou produzir uma prática que partiu dos saberes, das experiências, dos valores e das intencionalidades dos educandos, “*problematizando*” sua realidade. Também obje-

6 De acordo com Nogueira (2009, p. 185), a problematização “possibilita uma práxis, uma ação-transformação politicamente comprometida e responsável com a realidade-mundo. É a atitude consciente do sujeito que pensa sua realidade, questionando-a, indagando-a para saber-se politicamente situado e eticamente comprometido com tal realidade. Paulo Freire critica o papel do educador nesta lógica bancária ao afirmar que: “O educador é o que educa; os educandos, os que são educados; o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição; o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam; o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, se acomodam a ele; o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos”. (FREIRE, 1983, p.68).

tivou uma educação dialógica e libertadora, contrapondo-se à denominada educação “*bancária*”.

Do ponto de vista dos temas de estudo da Geografia nas escolas, percebe-se que a dimensão, a relevância e a complexidade dos conteúdos, fragmentados ao serem trabalhados de forma descontextualizada e desvinculada da realidade dos educandos, podem se tornar amorfos. É um grande esforço vinculá-los à superação dos percalços e conectá-los à ludicidade da vida.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Vera Lúcia Vaz de. As múltiplas linguagens na educação ambiental. In: PREVE, Ana Maria; CORRÊA, Guilherme. **Ambientes da ecologia: perspectivas em política e educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007. 221-237.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: Princípios e Práticas**. 3. ed. São Paulo: Gaia, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 43 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

NOGUEIRA, Valdir. **Educação Geográfica e Formação da Consciência Espacial-Cidadã no Ensino Fundamental: Sujeitos, Saberes e Práticas**. 2009. 369f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

RODRIGUEZ, José Manuel Mateo; SILVA, Edson Vicente da. **Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável: Problemática, Tendências e Desafios**. Fortaleza: edições UFC, 2009.

SIMÕES, Nerilu do Horto D’Avila. **Atividades lúdicas na educação infantil**. 2001. 23f. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano com Ênfase em Educação Infantil) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins, 1998